



## FLORA DO CERRADO

Poema de Antonio Miranda

Pequis, araticuns,  
cajuís.  
Veredas da solidão,  
arbustos tortuosos, retorcidos,  
ungidos sob o sol estival.

Árvores secas, queimadas,  
renascidas, tortas,  
carcomidas,  
entre capins resvalantes  
nos interflúvios,  
nas encostas pedregosas.

Pedras lunares,  
cristais  
e flores matinais  
entre nasceres e morreres  
contumazes.

Tem o araçá agridoce e arbustivo,  
tem o bacupari de polpa  
sobre caroços tungidos,  
escondidos  
em cascas coriáceas.

E tem a curriola esverdeada  
dos pássaros famintos  
e o jatobá das farinhas

preparado com açúcar mascavo.

Tem a mangaba, murici,  
mama-cadela, lobeira, gabiroba.

E as palmeiras jerivá,  
babaçu, macaúba, guariroba,  
emplumando a paisagem  
no cerradão do tropeiro

e do peão.

E o peão sabe:  
onde tem buriti tem água,  
tem vida, brotação.

E haja espaço  
e vez para louvar  
as orquídeas e as bromélias:  
o *Cyrthopodium eugenii*  
cilíndrico obeso bulboso  
nos afloramentos alcalinos;  
os gravatás de todos os nomes  
armados e serrilhados  
nas árvores  
e nos inselbergues ensolarados.

Testemunhos seculares  
de endemismos.

E,  
guardião dos campos úmidos  
restabelecidos,  
o papalantus sobranceiro,

de roseta capilar,  
esferoidal,  
demarcando distâncias.

As nuvens plúmbeas  
querendo afogar a terra,  
errantes, suspensas  
como cogumelos alucinados,  
como coágulos espessos.

Nuvens tingidas de vermelho,  
nos horizontes abertos, teatrais,  
descortinantes e desconcertantes.

Nuvens orquestrais, plasmadas  
contra o azul absoluto, total,  
onipresente.

Nuvens movediças, baixas,  
volumosas, assim gráceis  
ou frágeis, ou densas  
e pretensas.

Cupinzeiros,  
espinhos e folhas urticantes,  
raízes tuberosas,  
seivas e entranhas flagrantes  
e fragrantes,  
colinas ondulantes,  
rochosas.

O cerrado é campo aberto  
é grota é mata ciliar

é cipó é maritaca e é tucano  
quando não é siriema  
e tatu e coruja e guará  
nas vertentes nas encostas  
nos varjões.

Nasce e renasce em ciclos  
estelares,  
nas constelações decíduas  
de folhagens intermitentes,  
metamorfoses,  
mutações.

A natureza aqui é árdua  
e serena,  
impassível, fossilizada,  
sem beirada.

É fátua  
é prodiga, profícua  
infalível, implacável  
– valham todos os adjetivos!

*Poema extraído do livro CANTO BRASÍLIA (Brasília: Thesaurus, 2000).*